

O REPENSAR A EDUCAÇÃO NA FAVELA: UMA DOBRA POSSÍVEL

Karen Cesar Baptista¹

Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto²

Introdução

Este texto socializa reflexões sobre a ação educativa com base nas condições materiais que as escolas na favela se inserem a fim de (re)pensar uma prática pedagógica que revele a especificidade da educação, resgatando a função da escola e a importância do saber sistematizado. Tomamos como referencial teórico-metodológico a psicologia histórico-cultural do desenvolvimento humano de Vigotski (2007) segundo a qual o psiquismo humano é desenvolvido sócio-historicamente, pela mediação da linguagem, e a pedagogia histórico-crítica defendida por Saviani (2011), para a qual a história de toda humanidade só se torna possível com a transmissão da riqueza intelectual produzida para as novas gerações, logo, o movimento da historicidade, das aquisições da cultura de um povo, depende das relações educativas.

Para desenvolver o estudo foi necessário compreender a realidade da favela, mostrando o fenômeno da miséria no processo de urbanização contemporâneo, isso porque, o referencial teórico advindo da pedagogia histórico-crítica, tem como preocupação pensar o fenômeno educacional atrelado ao complexo social.

Para compreender as ações educativas ali vividas foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola municipal do interior paulista, em um bairro periférico, em uma sala de 4º ano do Ensino Fundamental. Procedimentalmente foram realizadas gravações de áudio e anotações em diário de campo.

Posto isto, discorreremos sobre as características da favela e a especificidade da educação, posteriormente apresentaremos um episódio de ensino de ortografia vivido na aula de Língua Portuguesa.

As características da favela e a especificidade da educação

Grandes fábricas, indústrias agrícolas, investimentos em infraestrutura, entre outros cenários da época da modernização do Brasil, especificamente, a urbanização da grande cidade de São Paulo, na década de 50 e 60 do século XX, possibilitou o crescimento demográfico das regiões metropolitanas paulista e fluminense. Analisando os problemas dessas grandes metrópoles, a cidade então, tornou-se criadora de pobreza, seguindo um modelo socioeconômico capitalista, que fez a população das periferias pessoas ainda mais pobres (SANTOS, 1994).

Nesse contexto, desde o século XX, os moradores das favelas e suas histórias foram ofuscados, ficando à margem dos estudos. A primeira definição da palavra *favela*, veio em 1812, no vocabulário vulgar, do escritor James Hardy Vaux, aparecendo como *slum*, palavra inglesa, que significava “comércio criminoso”. No entanto, entre 1830 e 1840, os chamados *slum* serviam de moradias aos pobres, passando a significar “cômodo onde se faziam comércios ilegais”, logo foi reconhecido na França, na América e na Índia, ganhando fama internacional, caracterizando-as como habitações dilapidadas, doenças, pobreza e vícios, com grande concentração de população. (DAVIS, 2006).

A favela contém características peculiares, nela predominam-se as características da definição clássica de favela, tais como aglomerações, habitações pobres ou informais, acesso

¹ Mestranda da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. E-mail: karen_cb@hotmail.com.

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. E-mail: cbometto@yahoo.com.br.

restrito a água, péssimas condições sanitárias e medo da população em relação ao domínio de posse da terra. Com o fenômeno da metropolização, as grandes cidades surgem como o cantar de sereias, seduzindo a chegada de milhões de migrantes a procura de empregos.

Acreditamos que para que ocorra uma mudança nesse quadro, devemos evidenciar o papel da escola como possibilitadora de transformações de vidas, ou seja, transformações reais do sujeito, estabelecendo uma relação de reflexão crítica do meio em que se vive, para que se reivindicuem condições melhores, tendo consciência de seus direitos como cidadãos, portanto, iremos analisar a escola e suas relações de ensino por acreditar que a escola não é a redentora, mas **possibilita** mudanças profundas na sociedade pelo processo educativo.

Se a escola, uma instituição social, é um ambiente privilegiado para aquisição do conhecimento sistematizado, ou seja, dos conhecimentos já produzidos pelas gerações antecedentes, podemos dizer que é necessário esta apropriação para possibilitar o avanço das novas gerações, superando o que fora construído historicamente. Nesse sentido, é preciso refletir sobre os processos educativos e sobre o modo de enxergar os sujeitos, a fim de superar o diagnóstico de um espaço de reprodução da sociedade capitalista, visando contribuir para uma geração transformadora da sociedade.

Segundo Saviani (2011, p. 80) a educação deve ser compreendida "no seu desenvolvimento histórico-objetivo e por consequência, [como] possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação".

Posto isto, e diante das discussões sobre o ensino da língua na escola, consideramos com Morais (2003, p. 23) que "assim como não se espera que um indivíduo descubra sozinho as leis de trânsito [um tipo de convenção social] não há por que esperar que nossos alunos descubram sozinhos a escrita correta das palavras". Entendemos também com Possenti (1996) que o papel da escola é ensinar a língua padrão e, nesse contexto, é preciso "perceber que os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com o domínio de outra forma de falar e escrever" (p. 18), o que inclui, também, o domínio do aspecto ortográfico da escrita.

Na rua do Rogério os carros nunca derrapam³

É na tentativa de compreender como o saber erudito se apresenta nas escolas para as camadas socialmente e culturalmente desprivilegiadas que apresentaremos uma pesquisa de campo feita em uma favela, tal como já descrita anteriormente.

A trama acontece na favela do Cantagalo, na cidade de Piracicaba. Apesar do processo de urbanização da localidade, os problemas dessa comunidade são inúmeros e o descaso da ordem pública com a falta de serviços básicos ainda permanece.

A escola pesquisa da começou a funcionar em condições precárias e sem espaço para as crianças da região, recebeu em 2005 uma nova estrutura, após parceria entre o governo do Estado e a prefeitura da cidade, o que garantiu o investimento social para a construção de seis novas salas de aula, sala de informática, sala de educação artística, entre outras.

A escolha da sala de aula na qual a pesquisa foi realizada deu-se através do contato que a secretária intermediou entre a direção e as professoras. Elaine⁴ foi uma das únicas professoras que se prontificou a receber pesquisadora.

³ O título desta seção foi livremente inspirado no título da poesia de Cecília Meireles "A chácara do Chico Bolacha" (1964).

⁴ Os nomes da professora e dos alunos são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

No dia da aula sobre os sons da letra R Elaine trabalhou com o material Ler e Escrever.⁵

Professora: Todas as palavras que pronunciamos e que tem o som do R forte no meio das palavras, usamos **RR** para escrever. Copiem isso no caderno. Vocês têm que aprender a formar frases. Vamos lá... Quando usamos um R no meio da palavra ele é fraco. Quais as palavras que aparecem aí?

As crianças leram em coro: Resistiu. Geração. Terraço. Descobriu. Genro. Honra. Enrolar.

A professora lê no livro Ler e Escrever o texto "O pastor e as ovelhas". E continua... Observando a grafia. O que é grafia?

Aluno1: O escrito.

Professora: Isso mesmo. Olha lá... NADA FORA. Fora quer dizer o quê?

Aluno2: Foi

Professora: Isso muito bem.

Professora: Ó prestem atenção, SAIR, OUVIR, ENCONTRAR, CORRER, MORRER... Olhem a minha boca... Como que a gente encontra essas palavras no dicionário?

Aluno3: SAIR. É um separado da outra. (Referindo-se a separação das sílabas das palavras no dicionário).

Aluno2: Porque saíram é passado, e sair é futuro.

Professora: A explicação está certa, mas porque eu encontro SAIR. O que é SAIR?

Aluno3: Porque é verbo. É ação.

Professora: Isso, tá fazendo alguma coisa, é ação. SAIR é ação?

Aluno3: Sim

Professora: OUVIR?

Alunos: Sim

Professora: CORRER?

Alunos: Simmm..

Professora: MORRER?

Aluno4: Nãooooo..

Professora: Ahh morrer não é ação?

Aluno4: Não, porque já morreu.

Professora: Morrer é uma ação, porque você vai morrer. Vamos formular as respostas, copiem direito. A professora escreve na lousa: "SAIR, porque as palavras que indicam ação, ou seja, os verbos aparecem no infinitivo". Respondendo a pergunta do exercício do Ler e escrever.

No momento em que os alunos copiam as respostas escritas na lousa pela professora, esta circula entre as carteiras olhando e tirando as dúvidas que surgiam. Em um desses momentos, a professora se dirige à pesquisadora e comenta: "Você tem que corrigir o tempo todo, senão eles escrevem errado. Se a gente não ensina, como é que faz?! Se ensinando ainda escrevem errado, imagina se eu não ensinasse".

Ao dizer isso a professora defende, como já vimos em Duarte (2001), em *favor do ato de ensinar*, a necessidade da sistematização dos conhecimentos, que no caso, ela julgava estar ensinado: ortografia - os usos da letra **R**.

Entendemos que a ortografia é fruto de um contrato social estabelecido historicamente, portanto, é arbitrária. Contudo, devido aos movimentos educacionais naturalizantes do processo

⁵ O programa Ler e Escrever é um conjunto de linhas de ação articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se dessa forma como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual.

de ensino-aprendizagem, alguns professores deixam de lado o ensino da ortografia, uns por “respeitarem” o dialeto local, outros por acreditarem que as crianças, por si mesmas, irão desenvolver a habilidade da escrita ortográfica, bem como o uso de regras próprias da escrita.

Podemos observar nesse episódio, que a professora tem intenções educativas e lança mão de seus conhecimentos para ensinar seus alunos. Há, por parte da professora, uma preocupação com a escrita correta das palavras, o que ela enuncia formalmente para a pesquisadora. Ao enfatizar o uso do “R forte” e do “R fraco”, desencadeia uma possibilidade de aprendizado entre os alunos, no entanto, observando atentamente a aula é possível afirmar que ainda que ela tenha tido o desejo de ensinar os usos da letra R para as crianças, ela não o fez.

No decorrer do processo ela desloca a discussão dos usos dessa letra para uma reflexão superficial sobre a classe gramatical dos verbos. Acreditamos que ao trabalhar com a forma nominal que representa o verbo, os infinitivos, a professora possa ter considerado estar dando destaque ao uso da letra R no final das palavras, uma vez que os infinitivos sempre finalizam com AR, ER ou IR.

Nesse processo a professora deixou de informar aos alunos que a utilização da letra R é um caso de regularidade "contextual", ou seja, os casos de regulares “contextuais” são aqueles em que as relações letra-som são explicitadas segundo o contexto, ou seja, o texto gráfico, onde um mesmo som é notado com alternativas únicas, de acordo com sua posição na palavra (MORAIS, 1999). Neste mesmo sentido, Cagliari (1999) explicita que algumas letras apresentam dificuldades que dependem do contexto linguístico e que, de modo geral esses casos podem ser ensinados através de regrinhas.

Porém, observa o autor, “essas regrinhas valem como um todo e não diria, por exemplo, que elas podem ser hierarquizadas numa sequência de dificuldades progressivas, porque isto não tem nenhum fundamento científico” (CAGLIARI, 1999, p. 77). Fazem parte destes casos, dentre outros, o uso de R ou RR, G ou GU, C ou QU, o uso do E ou do I no final das palavras.

A professora se equivoca também quando diz que "quando usamos um R no meio da palavra ele é fraco". Na verdade, quando o R aparece entre duas vogais o som é fraco, mas quando aparece entre uma consoante e uma vogal, tal como em GENRO, HONRA ou ENROLAR, o som é forte, com vibração prolongada, tal como no uso dos dois erres (RR).

Algumas considerações acerca do vivido

Nessa situação de ensino, pudemos notar a intenção educativa por parte da professora, no entanto, nos questionamos: se a professora seguia o material proposto pela secretaria da educação, quais saberes estavam sendo privilegiados?

Parece-nos diferentes conteúdos foram abordados de forma superficial: o aspecto ortográfico dos usos da letra R e a classe gramatical dos verbos. Seria o livro o material o indicador dessas atividades, tais como a professora as desenvolveu o seria a leitura que a professora realiza do material? Sobre isso poderíamos discutir em um outro artigo, dados os limites deste texto. O que fica, no entanto, é que de um modo ou de outro, os alunos precisam ter acesso aos conhecimentos a partir de informações corretas e precisas dos professores, pois devido ao contexto cultural e socioeconômico em que estão inseridos, dificilmente encontrarão outra ponte de acesso, senão a escola.

Por fim, ao defendermos o ensino sistemático na escola, objetivando uma luta ideológica constante para se formar leitores e produtores de textos reais, pois ao ensinar a escrita correta, encarando a ortografia como objeto de conhecimento, estaremos contribuindo para a democratização do acesso a língua escrita, logo, ampliando os sentidos que o aluno pode estabelecer quando interage com/pela linguagem, viabilizando à meta de que é possível ter

sucesso na aprendizagem dos conhecimentos escolares. Essa é a tarefa da educação, propiciar a aquisição dos conhecimentos como condição de libertação dos indivíduos na sociedade e essa tarefa constitui o pressuposto principal do pensamento da pedagogia Histórico-Crítica.

Referências

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às aproximações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2001.

MORAIS, Arthur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MASSINI-CAGLIRI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas, SP: Mercado de Letras & Associação de Leitura do Brasil – ALB, SP: Fapesp, 1999.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

São Paulo. Programa Ler e Escrever. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://lereescrever.fde.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 março de 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2011.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar Gramática na Escola**. Campinas: Mercado de Letras ALB, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.